

# ACERVOS INFORMATIZADOS EM ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS: SIMILARIDADES

ANA SUELY PINHO LOPES\*

## INTRODUÇÃO

A tecnologia da informação avança celeremente e impacta na vida da sociedade em todos os setores com o emprego dos seus recursos. Com os serviços de arquivos, bibliotecas e museus ocorre o mesmo. Nessas áreas, sinaliza como desafio, prerrogativas para evidenciar as similaridades e agrupar as atividades afins com a aplicação de seus aparatos, de modo a atender todas uniformemente. O fato é que desde um passado recente muitos debates ocorrem a discutir essa tendência e a tecnologia veio para instigar essa junção; afinal, o objeto fim dessas áreas é unívoco, o de viabilizar o acesso à informação imediata e garantir o acesso da memória histórica ao futuro, razão que as qualificam como transdisciplinares.

O desafio imposto, concentra-se na busca do desenvolvimento e aprimoramento de uma ferramenta única que atenda os serviços técnicos das três áreas. As bases de dados contribuem para a melhoria dos processos organizacionais, para a sistematização e organização da informação e conseqüentemente facilitar o acesso e a recuperação das informações. Ressalte-se, como responsabilidade dos gestores da informação, o cuidado diante da constante evolução tecnológica a considerar a obsolescência tecnológica e a fragilidade dos suportes.

Nesse estudo, busca-se apontar o que há de similar entre as três áreas, no intuito de identificar pontos que levem ao aprimoramento cada vez maior dos sistemas informatizados, de forma que atendam seus propósitos a considerar a interligação entre elas.

No que respeita à interdisciplinaridade, pode-se apontar o compartilhamento de metodologias como imprescindível, uma vez que o uso dos recursos tecnológicos, muito tem a contribuir para o desenvolvimento e a manutenção de sistemas e bases de dados em função da efetivação dos processos técnicos; ademais, a promover o aperfeiçoamento e a integração cada vez mais potente dos repositórios institucionais, de modo que integrem todas as espécies de documentos e seus objetos informacionais.

---

\* Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Email: pinholopes.anasuely@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5047-7315>.

Pretende-se, portanto, pontuar, por meio das especificidades de cada área o que há de comum e singular entre elas no intuito de evidenciar as diferenças e ressaltar as similaridades.

## **1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para encontrar resposta para esse estudo, ou seja, compreender as similaridades entre arquivos, bibliotecas e museus, a considerar as modificações causadas com a adesão da tecnologia da informação, que têm, conforme foi observado, reflexos na agilidade da recuperação e acesso à informação, foi preciso recuar a tempos anteriores e traçar brevemente a evolução diacrônica dessas instituições referente às técnicas de tratamento, recuperação e acesso à informação.

Recorreu-se à técnica de pesquisa bibliográfica, com fundamento no conceito de Marconi e Lakatos (2001), tendo em vista o argumento de que a finalidade técnica da pesquisa é a de colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre um determinado assunto, no intuito de permitir ao pesquisador o reforço paralelo na análise de suas pesquisas e manuseio de informações.

A metodologia empregada, de natureza qualitativa, deu-se através de um levantamento bibliográfico e documental, utilizado para fundamentação teórica, recorrente a distintas épocas, com vistas a percepção de teorias, conceitos e procedimentos adotados.

## **2. OS ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS E A DISPONIBILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

As informações disponibilizadas em arquivos, bibliotecas e museus situam-se em espaços estabelecidos adequados a especificidade e funcionalidade intrínseca de cada instituição, no contexto da disseminação da informação e do conhecimento, a considerar o papel da responsabilidade social como elo que une essas áreas, uma vez que possuem como atividade fim a satisfação das necessidades dos usuários.

Na perspectiva de Varela e Barbosa (2013), esses recintos, fontes de produção de informação e conhecimento, necessitam transmitir aos usuários e demais interessados o sentido de seu papel na sociedade atual.

Na concepção de Campello e Caldeira (2008), os arquivos são responsáveis pela organização e preservação dos documentos de caráter administrativos, culturais e históricos; as bibliotecas, por seu turno, antes, voltavam-se às publicações na mídia impressa, nos dias atuais realizam a aquisição, a recuperação e a disseminação da informação para atender as demandas dos usuários seja qual for a mídia em que estejam registradas. Os museus, por sua vez, fazem exposições de diversos objetos detentores de significados, sem implicar também no carácter intrínseco.

A considerar a perspectiva de Varela e Barbosa (2013), a aplicação da tecnologia da informação em arquivos, bibliotecas e museus, suscita a necessidade de ir ao encontro de estratégias que façam com que ocorra a comunicação entre os instrumentos de tratamento e recuperação da informação com as necessidades informacionais dos usuários. Sabe-se que a disponibilização da informação correta e imediata, assegura a sociedade a contribuição basilar à evolução tanto no âmbito social quanto cultural.

Ressalte-se que, além de assentirem pesquisas *online*, os recursos tecnológicos empregados no tratamento e recuperação da informação, possibilitam a inserção de outros modos de uso da informação, além de favorecer a formação de redes informacionais e da disseminação do conhecimento de forma globalizada. Para além do gerenciamento da informação, atribui-se aos profissionais da área, a determinação e efetivação de estratégias e aplicação de normas legais para o funcionamento eficaz desses ambientes informacionais.

Para o bom desempenho desses profissionais, faz-se necessário aprofundar o conhecimento científico, o desenvolvimento da competência em informação, com vista ao aprofundamento dos estudos que os preparem ao conhecimento e habilidades específicas às competências diretamente relacionadas às atividades práticas e intelectuais. Ademais, o aumento do nível de consciência de modo a despertá-los à responsabilidade social a qual lhes é atribuída, assim como as variadas representações que impulsionam a difusão do conhecimento peculiar às suas atividades profissionais.

Considere-se que a percepção das atividades que ocorrem nos ambientes dessas instituições culturais é agraciada por variados acontecimentos de caráter histórico-cultural e que são essenciais à percepção dessas instituições e respectiva visibilidade da atuação do profissional da informação no mercado de trabalho e na sociedade atual.

## **2.1. Os arquivos – do ontem ao hoje**

O termo arquivo sofreu diversas mudanças ao longo do tempo. Sendo assim, pode ser encontrado em diversas denotações, seja referindo-se a um conjunto de documentos armazenados em um determinado local, ou ao próprio local de guarda.

Conforme literatura tradicional, os documentos de arquivo são classificados de acordo com o seu valor administrativo ou histórico; porém, a dimensão da importância dos arquivos para a sociedade é avaliada desde o momento em que estes representam instrumento de resgate da memória e do patrimônio de uma nação. Na perspectiva de Reis (2006), o surgimento da escrita condicionou o aparecimento e conservação dos primeiros arquivos na intenção de serem preservados para consultas no futuro a título de provas de registros do passado. O fato é que nas civilizações antigas eram destinados à guarda de documentos legais. Na Idade Média, por seu turno, tidos como espaço para recolha de documentos. Na Idade moderna, passaram a ser reconhecidos como ponto de apoio à

tomada de decisão na administração pública e como registros da história da humanidade (Reis 2006).

Na perspectiva de diversos pesquisadores, o desenho do conhecimento arquivístico passou a valer definitivamente desde o final do século XVIII, a partir da Revolução Francesa (1789), quando surgiu a ideia de Arquivo Público e a inquietação tanto direcionada à organização dos arquivos bem como para a formação de profissionais de arquivos em busca da obtenção de caráter científico. A construção dos *Archives Nationales* de França e a Lei de Messidor, marcos para as instituições arquivísticas, provocou neste período alteração na forma como os arquivos eram percebidos e passaram a ser reconhecidos como espaços de acesso aberto e público (Reis 2006).

A organização do arquivo como espaço de preservação da memória nacional, nomeadamente no Brasil, distinguiu-se a partir da vinda da Família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, seguida pela publicação da Constituição de 1824. De acordo com Melo, Silva e Dornelles (2017), no ano de 1838, foi criado o Arquivo Público do Império tido como um dos instrumentos de viabilização do recente Estado Nacional, com o objetivo de estabelecer a identidade da nação brasileira, vindo a tornar-se em 1911, o então Arquivo Nacional. Associadamente a trajetória dos Arquivos, soma-se a luta pelo estabelecimento do fazer arquivístico, com enfoque nos princípios basilares e reconhecimento nos tempos atuais, como fonte de informação e instrumento de transformação social.

No Brasil, a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a Política Nacional de Arquivos Públicos e Privados, reza que:

*Os arquivos são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos* (Brasil 1991, p. 1).

Segundo Bellotto (2014, p. 180), «o uso é que determina o arquivo e não o arquivo que determina o uso». Os registros ou documentos encontrados nos arquivos irão categorizar o tipo de arquivo, se ele é administrativo ou histórico, por exemplo. A autora, considera os seguintes tipos de uso: o prático, o popular e o acadêmico. Sendo que, o uso prático está associado ao sentido administrativo e as ações correspondentes; o uso popular tem caráter informativo, com a finalidade de suprir as necessidades informacionais do «cidadão comum»; e o uso acadêmico, de caráter científico e «corresponde a ideias a partir das informações obtidas nos documentos».

Sabe-se que por longo período, as atividades arquivísticas estiveram totalmente relacionadas ao processo técnico manual, tendo o papel como principal instrumento de trabalho. Na perspectiva de Castells (1999), a chamada Sociedade de Informação, além de permitir a difusão da informação de modo instantâneo, favoreceu o surgimento de

redes e sistemas colaborativos que permitem maior interação entre os arquivistas, as tecnologias de informação e seu material de trabalho. Os atuais suportes informacionais favorecem um novo olhar em relação aos métodos de trabalho dos arquivos. Eles têm revolucionado o modo como estes profissionais lidam com a informação, referente ao seu modo de busca e recuperação, suscitando-os a busca de inovar-se por novos meios de capacitação e conhecimento para não ficarem à margem do sistema de organização do trabalho arquivístico disponibilizado pela tecnologia da informação.

Muito embora a tendência seja a evolução cada vez maior da informatização nestes espaços, muitos desafios ainda pairam sobre o trabalho dos arquivistas com o emprego dos recursos tecnológicos. O fato é que a considerar as atribuições dos arquivistas, conforme o regulamento da profissão, «orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos» (Brasil 1978, p. 1), percebe-se que os profissionais não participam efetivamente deste processo. Várias são as questões que dificultam a implementação e o desenvolvimento do uso desses recursos, a citar a ausência desse profissional na instituição, que vem implicar em resultados que não contemplam plenamente as carências destes espaços.

Diante da evolução da tecnologia da informação, pode-se citar que, antes de seu surgimento as técnicas aplicadas nos documentos assim como na recuperação da imagem, que eram executadas por meio da técnica de microfilmagem, vinda a ser substituída pela digitalização, e com a célere evolução, os documentos hoje, digitalizados ou nato digitais, podem ser recuperados pelas telas de computadores, nas redes de comunicação, dentre outros dispositivos.

Essa revolução no fazer do profissional arquivista está presente no sítio do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), que tem por objetivo definir a política nacional dos arquivos públicos e privados exercer orientação normativa direcionada à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo. Dentre outros documentos, encontram-se a Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital, as Recomendações para a Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes e o Modelo de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos – e-ARQ Brasil.

Nesse contexto, com a inovação de novos suportes informacionais, aprimoramento dos repositórios institucionais, torna-se cada vez mais necessário o conhecimento e aprimoramento dos arquivistas diante da necessidade de capacitação frequente para acompanhar tal evolução e satisfazer as necessidades informacionais e tecnológicas desses espaços, extensiva à sociedade. Diante dessa premissa, se faz necessário contar com políticas públicas em conformidade com as transformações sociais e com recursos para que alcancem com mais facilidade os arquivos a fim de se modernizarem e acompanharem as demandas da sociedade atual.

## 2.2. As bibliotecas – do ontem ao hoje

Na qualidade de instituições muito antigas as bibliotecas guardam saberes imprescindíveis à ação e ao conhecimento humano. O seu maior desafio na atualidade é manter-se ativa e funcional frente ao desenvolvimento social e tecnológico em um ambiente de mudança constante, e diante de escassez de políticas públicas eficazes. Faz-se pertinente destacar que por longo período as bibliotecas foram vistas unicamente como espaços para armazenamento e preservação da memória escrita.

Na contemporaneidade, além de espaço de memória, podem ser enxergadas como um ambiente de inclusão e de transformação social. Transformações que podem ser percebidas em determinadas definições de especialistas na literatura especializada. Na abordagem de Fonseca (2007), resumia-se a uma coleção de publicações (livros), e documentos análogos de cunho público ou privado, disponibilizados de forma organizada para acesso à pesquisa, estudo e leitura. Com o emprego dos recursos tecnológicos as bibliotecas inovaram em sua dimensão, passando a ser reconhecidas como um espaço que disponibiliza a informação, por meio de diversos suportes, de modo acessível e é norteadas ao estudo, à pesquisa e ao conhecimento.

Por outro viés, ao analisar o cenário histórico social do Brasil, pode-se concordar com o pensamento de Machado (2010), ao consentir que as bibliotecas, em tese, se resumem a um espaço físico único, que se destina ao tratamento e organização de livros impressos, cuja atividade essencial é o atendimento aos estudantes. Porém, numa viagem ao longo do tempo, ao observar sua trajetória no âmbito da história universal dos livros e das bibliotecas avista-se que desde a antiguidade denotaram instrumentos de consulta, poder e conhecimento, para constatação, basta recorrer à leitura da obra clássica da Idade Média *O Nome da Rosa*, da autoria de Eco (2009), fascinante publicação que enfoca o papel da biblioteca e do livro na produção e disseminação do conhecimento.

Na perspectiva de Eco (2009), a Igreja em período medieval, na aspiração de manter seu poder disseminava a ideia de que os livros e as bibliotecas eram perigosos para as pessoas que tinham pouca ou nenhuma instrução e que compunham a maioria da população à época. De encontro a esse pensamento das autoridades eclesiásticas, poucos intelectuais reconheciam que os livros eram detentores do saber necessário que poderia suscitar o crescimento intelectual, tecnológico e científico tão necessário e já aspirado na época, por consequência, eram a favor de que as bibliotecas e livros tão singulares, fossem mais acessados. A perspectiva de Eco (2009), evidencia que as instituições necessitam aderir a evolução tecnológica, uma vez que esta tem impacto nos suportes informacionais provocado pelas inovações que ocorrem frequentemente.

O advento da tecnologia surgiu na segunda metade do século XX, e modificou, dentre outras práticas, a maneira de trabalho dos profissionais de bibliotecas, vindo a agilizar e dinamizar esse trabalho, a permitir a eficácia na qualidade dos serviços e a facilitar o

acesso às informações. Tais transformações afetaram principalmente o serviço de acesso à informação na biblioteca. O fato é que a Biblioteconomia, na perspectiva de Oliveira (2005), é uma das ciências mais antigas a direcionar suas práticas ao trabalho técnico e preservação, nas bibliotecas pioneiras da antiguidade. Segundo Burke (2003), a biblioteca segue acrescentando sua contribuição na esfera social, tornando-se uma instituição que promove mudança social e pessoal, essencialmente, desde o processo de democratização do conhecimento.

Segundo Oliveira (2005), no contexto da evolução tecnológica, o fazer bibliotecário vem mudando, uma vez que o foco deixou de ser o tratamento dos itens informacionais que era realizado na maioria em acervos impressos, e vem sendo direcionado para a aplicação dos recursos utilizados na construção de repositórios e acervos digitais, de modo a permitir novos modelos de acesso à informação, que incidem em novas formas de atuação do bibliotecário, e conseqüentemente, passa a exigir uma maior atuação na disponibilização da informação nos sistemas informatizados.

Nesse sentido, conforme Santa Anna (2015), houve uma transformação do fazer profissional da biblioteconomia, a direcionar o olhar da guarda para o acesso à informação. Ainda Araújo (2014), ressalta que, a biblioteca, especialmente nas últimas décadas, tem avançado nos estudos referentes às necessidades dos usuários, fato que vem a demonstrar uma responsabilidade maior da instituição, num gesto de comprometimento ao atendimento às necessidades informacionais da sociedade.

### **2.3. Os museus – do ontem ao hoje**

Os museus, assim como arquivos e bibliotecas também são antigos e buscam manterem-se úteis mediante o contexto tecnológico informacional no qual estão inseridos. São também unidades de informação que trabalham com a organização, o tratamento, o armazenamento, a recuperação e a disseminação da informação produzida, desde suas coleções, a possuir características singulares conforme proposta temática refletida pelo caráter histórico, pedagógico e especializado (Varela e Barbosa, 2013).

Lara Filho (2009) define a instituição museu como um espaço de contemplação, de desfrute, de prazer; ademais, dotado de compromissos com a educação, com atividades que envolvam a sociedade, essencialmente, no que respeita o conhecimento. Conhecimento esse que surge e se propaga a cada contato do público por meio de visitas, seja de forma presencial ou virtual.

Conforme Campello e Caldeira (2008), os museus, na antiguidade, foram constituídos por meio de coleções de arte que os reis e imperadores guardavam em templos como objetos de riqueza e contemplação. Passado o tempo, obras de coleções particulares foram doadas às instituições públicas, emergindo a ideia de museu. Sabe-se por meio da literatura, que a Revolução Francesa movimentou o processo de constituição histórica

dos museus, de posse da ideia de igualdade entre os povos, promoveu a democratização destes espaços, propiciando acesso à população sem distinção de poder e conhecimento.

Todavia, com o avanço das ciências no século XIX, constituíram-se as representações dos museus e assim permitiram o surgimento de novos pontos de vista a respeito do espaço museu, por meio da diversificação dos modelos de construção e o favorecimento da ampliação desses espaços, como espaços culturais de contemplação e arte (Araújo 2013).

No Brasil, século XIX, dois importantes museus foram criados por D. João VI, um deles em 1816, com a doação de uma coleção de quadros à Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e outro em 1818, o Museu Real, hoje o Arquivo Nacional (Campello e Caldeira 2008). Sabe-se pela historiografia, que muitos outros museus foram criados ainda neste século, dentre os quais: o Museu do Exército (1864), o Museu Paulista (1892) e o Museu do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894).

No século XX, foi originado o Museu Histórico Nacional (1922). Conforme Carlan (2008), sua fundação mudou a concepção do povo brasileiro sobre esses espaços de cultura, vindo a tornar-se um modelo a ser seguido para os museus brasileiros daquele século, a apresentar um traçado mais moderno conforme a época e um ensaio dos primeiros passos para a formação de profissionais de museu no Brasil.

Outro fato que sinalizou as transformações museológicas e alterou as percepções de arte a época, deu-se por conta da realização da Semana de Arte Moderna (1922), com destaque para a elevação da memória da nação. Grande evento que cominou com o aniversário do primeiro centenário da independência do Brasil. Na década de 1930, esse arroubo ainda era destaque das narrativas de caráter histórico cultural nas exposições museológicas, ressaltando a nacionalidade e a herança cultural brasileiras (Silva e Pinheiro 2013).

Neste íterim, foi instituído o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), caracterizado como um marco no processo de institucionalização de políticas recorrentes ao patrimônio cultural brasileiro. Em 1940, transformou-se no Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A partir de 1970, o então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em 1946, foi criado o Conselho Internacional de Museus (ICOM), com o apoio da UNESCO, instituição que define e direciona as ações e diretrizes dos museus. Esse Conselho possui sedes em todos os países, sendo que no Brasil é representado pelo ICOM Brasil, fundado em 1948, com sede na cidade de São Paulo (ICOM 2017). Em 1972, em Santiago, no Chile, aconteceu uma mesa redonda sobre a importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo. Esse evento permitiu novas abrangências na área da Museologia, principalmente com os ideais da Museologia Social, e marcou, segundo (Nascimento Júnior, Trampe e Santos 2012 [1972], p. 12), «o progresso da área de

museus na região durante as quatro décadas seguintes em termos de institucionalização e cooperação».

Apontam-se, dentre as principais recomendações resultantes deste evento, a intensificação dos museus em ações de cunho tecnológico e científico, de cunho educacional e que acompanhassem o desenvolvimento econômico e tecnológico em benefício próprio e das comunidades. Ressalta-se, contudo, que neste período a sociedade já estava envolta nas transformações tecnológicas e acompanhava as mudanças nos processos e suportes informacionais.

Sendo assim, discorrer sobre a inserção das tecnologias da informação nos museus é apontar para um dos objetos de estudo da Museologia, uma vez que, muitos dos objetos de museu «migraram» (grifo nosso) de espaços físicos para ambientes digitais. Segundo alguns especialistas, mudança benéfica, vez que viabilizam o acesso do público aos serviços ofertados pelos museus e satisfazem a uma camada da sociedade sem a oportunidade de frequentar estes espaços físicos. Ademais, contempla os preceitos da Museologia Social, que alterou as formas de pensar o objeto museal e conduziu o olhar dos museus à comunidade.

Posto isto, ressalta-se que a Museologia Social, contribui notadamente para o uso dos recursos tecnológicos nos museus e para o acesso público aos equipamentos culturais. Neste aspecto, dois pontos chamam a atenção, a título de propostas de dinamização dos serviços prestados nos museus, seja pelas páginas dos museus na *internet* e pelo uso de ajuda técnica nestes espaços de cultura. Os museus estão desenvolvendo *sites* institucionais e redes sociais na *internet* visando a exposição de suas obras, além da apresentação e da divulgação das atividades realizadas nestes espaços na *web*. É uma maneira encontrada para acompanhar as transformações sociais e levar informação de qualidade à sociedade.

Há que se concordar com a perspectiva de (Barbosa, Porto e Martins 2012), diante da afirmativa de que o emprego dos recursos tecnológicos em museus, acrescenta muitos benefícios aos visitantes, além de suscitar o conhecimento, promove a inclusão tanto digital quanto social levando-os a contribuir com a difusão do conhecimento na sociedade. Nesse contexto, destacam-se as tecnologias que fazem uso de recursos para adaptação das estruturas visando o acesso às pessoas que possuem algum tipo de patologia, disponibilizando objetos com formato especial de modo a permitir que os usuários possam perceber, receber e sentir a informação exposta. Outro exemplo a citar, é a disposição de textos na linguagem *Braille* direcionados às pessoas com limitações visuais de modo que consigam acessar às descrições dos objetos expostos.

Assim como nos arquivos e nas bibliotecas, aplicam-se também aos museus, a premissa de que, para que façam bom uso das tecnologias de informação, só se tornará viável, com a criação e implementação de políticas públicas de forma que colaborem e suscitem mais e mais o desenvolvimento e aprimoramento de suas funções.

### **3. A INTEGRAÇÃO ENTRE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, MUSEUS E A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Na qualidade de instituições culturais, que têm como finalidade disseminar informação e conhecimento, os arquivos, as bibliotecas e os museus, apontam muitas similaridades desde o limiar de suas existências. Concomitantemente, vêm a se solidificar como áreas do conhecimento e, desse jeito, como as suas respectivas instituições, apresentam pontos comuns.

Sabe-se que a Ciência da Informação se estabeleceu diante das revoluções tecnológicas e informacionais nos meados do século XX. Tempo esse, o qual o mundo atravessava o período pós-II Guerra Mundial, grifado pela explosão da informação, pelo advento dos computadores e pelos movimentos de associações a favor dos debates recorrentes a evolução informacional e tecnológica. A denominada «explosão informacional», exigia a presença de meios cada vez mais concretos e ágeis para se fazer uso da informação científica e tecnológica como recurso econômico e político Fonseca (2005).

Entende-se que foi através de muitos estudos científicos, sobre os processos de recuperação da informação e esforços empregados em pesquisas sobre as tecnologias científicas, que surgiu a Ciência da Informação. Na perspectiva de Borko (1968), a CI investiga o comportamento informacional, no que respeita aos seus fluxos, processamento e busca o acesso e uso com eficácia. Saracevic (1996), por seu turno, a define como um tripé composto por interdisciplinaridade, elo com as tecnologias de informação e pelo poder social e humano que ela detém. O autor atribui a interdisciplinaridade à sua relação com outras áreas e à tecnologia, à transformação da sociedade moderna em sociedade da informação.

Conforme Araújo (2014), o desafio atual da Ciência da Informação é provocar a integração entre as áreas de arquivos, bibliotecas e museus, uma vez que essa se expandiu utilizando espaços já criados pela Biblioteconomia. O fato é que, nos últimos anos, a Ciência da Informação vem progressivamente passando a ser o espaço privilegiado para a institucionalização da Arquivologia, e também, tem colaborado para a institucionalização da Museologia em alguns contextos (Araújo 2014).

A tecnologia da informação aplicada aos processos de processamento, busca, armazenamento, recuperação e preservação da informação em arquivos, bibliotecas e museus, é sem sombra de dúvida um dos marcos responsáveis por aproximar mais e mais essas áreas. Concorda-se com Smith (2012), no sentido de que, as diferenças existem, porém, o foco entre as três é similar, cujo objetivo supremo faz-se em organizar a informação para disponibilizá-la ao cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve estudo permitiu perceber que as três áreas, apresentaram desde suas origens muito em comum, assim como apontou algumas diferenças no que concerne as especificidades de cada uma delas. Ademais, mostrou que o marco da aproximação que estreitou as relações entre elas, deu-se graças a adesão da tecnologia da informação nos diversos processos, em busca de manter-se funcional diante dos avanços tecnológicos no que concerne a suscitar um maior interesse aos pesquisadores, e proporcionar maior qualidade e agilidade no acesso e recuperação da informação.

Identificou-se, a busca constante de acompanhar e aprimorar os sistemas de armazenamento e recuperação da informação para torná-los cada vez mais funcionais diante do avanço incessante da tecnologia da informação e o favorecimento ao trabalho colaborativo e globalizado no viés da inovação tecnológica.

Enfim, concluiu-se que as práticas inerentes a cada área estudada, permanecem as mesmas de sua origem, no entanto, inseridas no contexto atual, encontram-se em busca da adequação dos novos suportes alinhada ao avanço da tecnologia da informação, a resultar em evolução e aproximação num esforço único recorrente às necessidades da sociedade. Sugere-se, para pesquisas futuras investigar o novo perfil, assim como o comportamento dos profissionais de arquivos, bibliotecas e museus, diante do uso dos recursos tecnológicos unificados.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. A., 2014. *Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível*. Brasília, DF: Briquet de Lemos.
- ARAÚJO, C. A. A., 2013. Museologia e Ciência da Informação: diálogos possíveis. *Museologia & Interdisciplinaridade* [Em linha]. 2(4) [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/viewFile/9624/7103>.
- BARBOSA, C., R. PORTO, e C. MARTINS, 2012. Museus: sistemas de informação para uma realidade virtual. Em: *XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Rio de Janeiro* [Em linha] [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3924/3047>.
- BELLOTTO, H. L., 2014. *Arquivo: estudos e reflexões*. Minas Gerais: Editora da UFMG.
- BORKO, H., 1968. Information Science: What is it? *American Documentation* [Em linha]. 19(1), 3-5 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/90644/mod\\_resource/content/1/BORKO\\_Information%20science%20what%20is%20it%20.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/90644/mod_resource/content/1/BORKO_Information%20science%20what%20is%20it%20.pdf).
- BRASIL. Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991 [Em linha] [consult. 2022-09-12]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8159.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm).
- BRASIL. Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978 [Em linha] [consult. 2022-09-12]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/l6546.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6546.htm).
- BURKE, P., 2003. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- CAMPELLO, B. S., e P. T. CALDEIRA, 2008. *Introdução às fontes de informação*. 2.<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica.

- CARLAN, C. U., 2008. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. *História* [Em linha]. 27(2) [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a05v27n2.pdf>.
- CASTELLS, M., 1999. *A sociedade em rede*. 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra.
- ECO, U., 2009. *O Nome da Rosa*. São Paulo: Record.
- EISENMANN, T., 2021. Why start-ups fail. *Harvard Business Review* [Em linha]. 99(3), 76-85 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=7&sid=db7a5a06-f066-41f0-8858-125cc21dc02e%40pdc-v-sessmgr02>.
- FONSECA, E. N., 2007. *Introdução à Biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos.
- FONSECA, M. O., 2005. *Arquivologia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- LARA FILHO, D., 2009. Museu, objeto e informação. *TransInformação* [Em linha]. 21(2), 163-169 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/513>.
- MACHADO, E. C., 2010. Análise de políticas públicas para bibliotecas no Brasil. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação* [Em linha]. 1(1), 94-111 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42307>.
- MARCONI, M. de A., e E. M. LAKATOS, 2001. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas.
- MELO, J. H., R. N. SILVA, e S. DORNELLES, 2017. Olhares sobre a história dos arquivos e da Arquivologia no Brasil. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia* [Em linha]. 12(1), 129-144 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://periodicos.ufpb>.
- NASCIMENTO JÚNIOR, J., A. TRAMPE, e P. A. SANTOS, 2012 [1972]. *Mesa redonda sobre lá importancia y el desarrollo de los museos em el mundo contemporáneo: Mesa redonda de Santiago de Chile, 1972*. Brasília: IBRAM/MinC; Programa Ibermuseus.
- OLIVEIRA, M. de, coord., 2005. *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.
- REIS, L., 2006. *O arquivo e a arquivologia*. *Biblios* [Em linha]. 7(24) [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16172402>.
- SANTA ANNA, J., 2015. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação* [Em linha]. 13(1), 138-155 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: [http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/41119/pdf\\_89](http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/41119/pdf_89).
- SARACEVIC, T., 1996. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em ciência da informação* [Em linha]. 1(1) [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>.
- SILVA, C. H. G. da, e L. V. R. PINHEIRO, 2013. Políticas públicas para museus no Brasil: do IPHAN ao IBRAM. Em: *XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Santa Catarina* [Em linha] [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/459>.
- SMITH, J. W., 2012. A informação na ciência da informação. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação* [Em linha]. 3(2), 84-10 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48655>.
- VARELA, A. V., e M. L. A. BARBOSA, 2013. Bibliotecas, Arquivos e Museus: agentes de universalização do conhecimento. Em: Z. DUARTE. *Arquivos, Bibliotecas e Museus: realidades de Portugal e Brasil*. Salvador: EDUFBA.